

TRABALHO, TURISMO E QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL: REFLEXOS DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS ENTRE CONDUTORES DE ECOTURISMO DE ILHA GRANDE DO PIAUÍ.

Amanda Maria dos Santos Silva (1)
Rosemary Meneses de Sousa (2)
Hielly Sales Dias (3)

*Centro de Ensino Superior do Piauí, amssphb@hotmail.com
Universidade Federal do Piauí, rosemary-phb@hotmail.com
Universidade Estadual do Piauí, hiellysales@hotmail.com*

RESUMO:

A presente pesquisa teve como propósito investigar as experiências dos cursos de qualificação profissional na atividade laboral dos integrantes da Associação de Condutores de Ecoturismo de Ilha Grande – ILHAECOTUR – Piauí, Brasil, que vendem sua força de trabalho para suprir as suas necessidades na região do Delta do Parnaíba em sua extensão piauiense. Para tanto, nos apropriamos da perspectiva do materialismo histórico dialético. O fio condutor de nossa análise se processa metodologicamente no entrelaçamento de fontes escritas e orais. Para isso utilizamos uma abordagem qualitativa composta com pesquisas bibliográficas e de campo onde identificamos e inserimos nossos sujeitos de pesquisa através da História Oral. Percebi que apesar de diversos, os cursos ofertados pelo SEBRAE e pela UFPI eram superficiais e ofereciam um conhecimento fragmentado aos que se motivavam a cursá-los. Percebemos que a oferta dos cursos por ser recebida de forma passiva e articulada à revelia dos interesses dos mesmos se tornou um entrave para uma maior articulação entre os trabalhadores que atuam no setor, pois existe uma disputa entre trabalhadores “qualificados” e “não qualificados” o que colabora apenas com uma maior exploração de ambos pelas instâncias capitalistas que fazem do turismo no Delta do Parnaíba seu principal produto.

Palavras-Chave: Qualificação Profissional. Turismo. ILHAECOTUR. Estranhamento.

INTRODUÇÃO

Conforme propõe o título do trabalho, a intenção é apresentar de que forma os trabalhadores do Turismo na região do Delta do Parnaíba em especial os da Cooperativa de Condutores de Ecoturismo de Ilha Grande do Piauí¹ materializam em suas atividades laborais as propostas apresentadas nos cursos de qualificação profissional realizados.

O cenário que possibilita a presente investigação é o crescente desenvolvimento da atividade turística e a sua caracterização como um segmento destaque em todo mundo, em especial, nas comunidades que apresentam recursos ambientais para atender as necessidades cada vez mais específicas dos turistas que buscam de forma sistemática a atividade na região em questão. Percebemos com essa situação a conexão entre o movimento global de exploração do Turismo e das políticas de qualificação dos trabalhadores.

¹ A partir desse momento ao nos referirmos a da Cooperativa de Condutores de Ecoturismo de Ilha Grande do Piauí utilizaremos a sigla ILHAECOTUR.

O objetivo dessa análise se centra na investigação das experiências formativas vivenciadas por nossos sujeitos, a saber: os condutores associados a ILHAECOTUR e das consequências para o cotidiano de organização, cooperação e trabalho.

METODOLOGIA

Para nortear nossa investigação, assumimos como opção metodológica, a perspectiva dialética proposta por Marx. Como apontamento inicial para possibilitar o entendimento sobre o meu percurso metodológico devo destacar que ele parte do movimento real da ação humana, como Marx (1989, p.16) indica “a investigação tem de apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento, e de perquirir a conexão íntima que há entre elas”.

Em termos práticos, todo e qualquer objeto de estudo é real e efetivamente aparece como objeto humano, social e histórico. Portanto, o processo de conhecimento do objeto não ocorre de modo direto, imediato ou espontâneo, mas articulado num todo, que só existe como produto de uma atividade específica e teórica.

Essa análise se torna possível porque o método dialético (ANDRADE, 2010, p.121) “é contrário a todo conhecimento rígido: tudo é visto em constante mudança, pois sempre há algo que nasce e se desenvolve e algo que se desagrega e se transforma”. Compreendo ser este o melhor caminho para analisar as contradições presentes nas propostas de qualificação aos trabalhadores do setor do Turismo.

A pesquisa que se desenvolve é de cunho bibliográfico, uma vez que, “se realiza a partir do registro disponível, decorrente das pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros”. (SEVERINO, 2007, p. 202).

Foram realizadas ainda pesquisas de campo, definidas como realizei pesquisas de campo que (MINAYO, 2006, p. 62) “o recorte que diz respeito à abrangência, em termos empíricos do recorte teórico como correspondente ao objeto da investigação”.

Para compreender essas experiências utilizamos os caminhos da História Oral, suas definições, técnicas e ferramentas. É importante ressaltar que não se trata (ALBERTI, 2005) simplesmente de sair com um gravador em punho, algumas perguntas na cabeça, e entrevistar aqueles que cruzam nosso caminho. Minha compreensão é a de mesma de Portelli (2010, p.3), pois [...] buscamos fontes orais porque queremos que vozes, –

que, sim, existem, porém ninguém as escuta, ou poucos as escutam”. Dessa forma, foram entrevistados três membros da ILHAECOTUR.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o “boom turístico” houve o florescimento da atividade turística em áreas anteriormente não exploradas, fez com que surgisse nos núcleos receptores de turismo um maior interesse com relação à distribuição dos lucros gerados com essa atividade a fim de melhorar a qualidade de vida das comunidades locais. Essa necessidade de inserção no mercado visando a melhoria das condições materiais pode ser vista em nosso lócus de pesquisa e influenciou diretamente nas ações voltadas a qualificação dos profissionais que atuam no setor.

A partir do exposto anteriormente, o turismo, face aos crescentes benefícios econômicos ocupa o status de segmento de destaque dentro da economia capitalista. Para compreendermos os processos de qualificação profissional presentes no setor do Turismo devemos apresentar às diretrizes da OMT (1995) voltadas a qualificação dos trabalhadores do setor. Entre elas há uma indicação de princípios que são: o cruzamento das necessidades de mercado e as ofertas dos cursos; treinamento *just in time*; definição de parâmetros de qualidade.

Percebemos a importância dada aos processos formativos, contudo essa preocupação é expressa para que sejam formados profissionais com habilidades que possibilitem um bom desempenho de suas atividades. E apesar da complexidade do Turismo que envolve as relações humanas na atividade, pouco é visto no sentido de possibilitar a formação de um trabalhador reflexivo e crítico sobre a atividade que desenvolve e sobre suas condições dentro do sistema e do setor turístico. Vemos isso na fala de um de nossos sujeitos, Adilson (2014)

Para os donos das empresas, quanto mais desorganizado a cooperativa tiver melhor. E aquela questão: Quanto mais qualificada a pessoa é ela tem como contrapor o valor de diária o valor de salário essas coisas. Porque se eu não sou qualificado eu não vou ter a percepção de quanto vale o meu trabalho a partir do momento que eu percebo: rapaz meu trabalho aqui é R\$35 mas na verdade ele vale no mínimo R\$70 entendeu, e aí vai.

Vemos a partir dessa fala, que o que está em questão nas políticas de qualificação é o treinamento definido pela OMT, descrito por Catramby e Costa (2004, p.31) como uma atividade muito mais específica que se concentra na

“aplicação detalhada em nível mais baixo, frequentemente habilidades práticas. O treinamento, em geral, é específico de um setor e procura equipar o trainee com habilidades definidas e claras.”

Os cursos voltados ao setor do turismo são bastante diversificados e segundo o MEC (1999) apresentam a seguinte divisão;

Ensino superior: de acordo com a LDB - Lei de Diretrizes e Bases - são os cursos de graduação (formação de profissionais: Bacharelado e Tecnólogo), pós-graduação Strictu Sensu (Mestrado e Doutorado), Lato Sensu (especialização e aperfeiçoamento), extensão e seqüenciais;

Ensino livre: cursos e programas não regulares. Não requerem credenciamento oficial e são dirigidos às necessidades de formação, treinamento e aperfeiçoamento para o mercado, seguem as demandas e necessidades de mercado regional, apresentando planejamento diversificado e tipologia não padronizada;

Cursos técnicos: são os cursos profissionalizantes cuja oferta se encontra em escolas técnicas do antigo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, hoje Faculdade SENAC de Turismo e Hotelaria, entre outros, e são equivalentes ao ensino médio e pós médio completo.

Cursos seqüenciais: cursos oferecidos em instituições de ensino superior credenciados pela Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação e que possuem cursos de graduação reconhecidos na área. Podem ser de duas maneiras: primeiramente de formação específica oferecem diplomas e devem ser reconhecidos; e os de complementação de estudos oferecem apenas certificado e não são considerados cursos de graduação.

Percebemos que as atividades são voltadas aos setores operacionais do turismo, levando em consideração as diretrizes anteriormente defendidas pela OMT com o objetivo de formar trabalhadores que com o treinamento alcancem habilidades mínimas para a atuação no setor, suprimindo a necessidade do empresariado que atua em diversos setores do turismo.

Para compreender as experiências de qualificação profissional vivenciadas pelos trabalhadores da ILHAECOTUR nos aportamos nos escritos de Thompson (1992) referentes à História Oral ao aferir que “[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas”. Para compor a pesquisa foram entrevistados quatro condutores de turismo que terão suas experiências apresentadas a seguir:

Adilson Silva de Castro, 25 anos, casado, nativo e residente em Ilha Grande do Piauí. Ex-catador de caranguejo. Bacharel em Turismo formado pela Universidade Federal do Piauí em 2013. Francisco da Costa Santos, 57 anos, casado, nativo e residente em Ilha Grande do Piauí. Possui ensino fundamental incompleto, atualmente exerce a função de condutor de ecoturismo. Francisco José da Silva Oliveira (Tito), 31 anos,

casado, nativo e residente em Ilha Grande do Piauí, presidente da ILHAECOTUR.² Para iniciar nossa investigação visamos entender de que forma foi implantado e como eram oferecidos os cursos de qualificação profissional entre esses trabalhadores. Sobre esse questionamento Francisco (2014) nos disse que

Em 2006, o SEBRAE vinha fazendo os cursos com outro pessoal fazia intercambio para conhecer outros grupos em outras cidades e pra esse mesmo grupo eles ofereceram os cursos sobre turismo para os que já estavam fazendo parte desse grupo.

A iniciativa de qualificação partiu da necessidade em ofertar maior capacitação aos moradores da cidade de Ilha Grande do Piauí, em especial aos residentes na comunidade Tatus, principal ponto para iniciar a visitação ao Delta do Parnaíba. Com essa iniciativa, moradores que tinham nos setores primários da agricultura e da pesca sua principal fonte de renda passam a investir no setor do Turismo. Com relação a esse interesse e à oferta dos cursos, Francisco (2014) nos disse que:

Os primeiros cursos eles (SEBRAE) que ofertavam pra gente através desse grupo de jovens que era formado, depois a gente passou a ir atrás. A gente mandava oficio pedindo o curso, a gente chamava as pessoas e eles mandavam um professor. Os cursos eram teóricos e práticos. Eles eram feitos da sede da colônia de pesca, na câmara dos vereadores ou em alguma escola daqui.

Sobre a condução dos cursos, segundo Adilson (2014) os mesmos possuíam uma carga horária reduzida, geralmente de 20 horas com aulas teóricas e práticas.

Os cursos eram teóricos e práticos. Eles eram feitos da sede da colônia de pesca, na câmara dos vereadores ou em alguma escola daqui. Ajudou em tudo, porque eles davam uma base do que era uma associação, uma cooperativa e depois disso motivou muita gente a trabalhar na área.

A oferta de cursos, enquadrada dentro de uma lógica reprodutivista e simplista é percebida por Adilson (2014) quando ele tece suas considerações sobre a forma como as ações eram desenvolvidas.

Alguns cursos eram muitos fracos e tinham até que ser revistos porque os cursos que a gente fazia são os mesmos aplicados em outras regiões do Brasil, da mesma forma e com o mesmo material. Por um lado eu vejo uma

² Todos os entrevistados concordaram com a divulgação de suas identidades.

perda de tempo porque a gente podia estar pautado em um estudo pras coisas locais. O curso que a gente fez é Nacional o curso de condutor que a gente fez podia ter mais coisas sobre o local que a gente mora porque se fosse só pelo conteúdo a gente podia ir na internet fazer uma leitura. Como era um curso reduzido a gente não aproveitava quase nada. Esse é o problema, o curso é curto e tem condutores que acham que basta fazer o curso que já estão prontos pra trabalhar, tem que ter conteúdos com a prática e isso não temos.

A percepção da ineficiência desses cursos, contudo, não é generalizada entre os associados. Atribuímos a isso o fato do nosso entrevistado anterior - Adilson - ser Bacharel em Turismo e ter vivenciado em um lócus universitário um debate com maior abrangência a questões que norteiam os limites e possibilidades da sua atuação enquanto profissional do turismo. Ao compararmos sua fala com a dos demais associados, logo visualizaremos essa situação. Tito (2014) nos afirma que,

Os cursos eram teóricos e práticos. Eles eram feitos da sede da colônia de pesca, na câmara dos vereadores ou em alguma escola daqui. Ajudou em tudo, porque eles davam uma base do que era uma associação, uma cooperativa e depois disso motivou muita gente a trabalhar na área.

No caso de José (2014) a situação é ainda mais diferenciada. Ele nos diz que realiza os cursos, mas com o único objetivo de conquistar o certificado, pois, em sua percepção existem requisitos mais importantes que um processo educacional formal, no nosso caso, cursos de qualificação profissional. Segundo ele

Pra ser condutor o mais importante é conhecer o lugar, Porque você pode ter a teoria, mas se não conhecer bem o lugar não adianta de nada. As vezes tem pessoas que nunca fizeram um curso mas que conhecem tanto o lugar que fazem muito melhor que quem tem um monte de curso. É bom ter o curso, mas se você não conhece o lugar você fica perdido.

Vemos no entrelaçamento dessas falas como os cursos de qualificação apesar de ministrados de forma linear e objetiva são recebidos de forma específica por cada aluno/condutor. Vemos que as colocações vão desde a crítica a forma como eles são conduzidos, passando por uma aceitação/exaltação das possibilidades abertas com a realização dos mesmos e por fim percebemos um desprezo com a sua realização.

Apesar de julgamentos diferenciados em relação aos cursos de qualificação, uma afirmativa é percebida nas falas: a necessidade que os associados da ILHAECOTUR tenham cursos de qualificação. Existe um entendimento entre os

condutores que só devem atuar junto com os turistas trabalhadores qualificados. Na tentativa de justificar essa posição Adilson (2014) nos diz que

O nosso diferencial é que os condutores são qualificados. Os outros acham que só por ter nascido na região, por conhecer a rota, a vegetação e os animais acha que isso é o suficiente. O pior é que queima o destino, porque o turista não marca o condutor, sim o destino como não qualificado.

Esse pensamento, em nosso entender, causa um distanciamento entre os trabalhadores que possuem algum curso de qualificação e os que atuam no setor tendo como base suas experiências enquanto nativos da região. Tito (2014) nos conta que mais de 30 condutores atuam na área, mas não tem qualquer qualificação o que os impede de entrar na associação, mesmo que essa não seja uma cláusula presente no estatuto.

A partir das considerações, não podemos tecer teorias acerca das relações estabelecidas entre esses trabalhadores (associados e não associados), uma vez que não era intenção dessa pesquisa analisa-la. Encontramos a situação durante a pesquisa de campo e optamos por não aprofundar a investigação deixando o caminho para futuras pesquisas na área.

Devemos ressaltar que essa situação só acirra os ânimos entre os trabalhadores. Mais uma vez Adilson (2014) nos diz que “qualquer um pode ser guia ou pegar um barco e trabalhar com os turistas, o que dificulta nossa ação, porque tanto faz estar ou não na associação.”

Assim, os cursos de qualificação realizados pelos condutores da ILHAECOTUR além de estarem inseridos em uma lógica global que visa uma qualificação aligeirada para suprir as necessidades do mercado de trabalho se tornam um entrave para a organização dos trabalhadores que estão atuando de forma segregada no região do Delta do Parnaíba.

Um aspecto fundamental para a compreensão da organização do trabalho na ILHAECOTUR e das experiências vivenciadas a partir da participação nos cursos de qualificação profissional é imprescindível o debate sobre estranhamento e reificação. No contexto da ILHAECOTUR isso é percebido na forma como os trabalhadores são vistos e se veem durante seu processo de trabalho. Evidencio essa situação na fala de José (2014)

O trabalho que a gente faz não é valorizado por aqui, muitas pessoas que contratam veem a gente às vezes até como uma máquina, que tá aqui pra dar informação e nem ligam se a gente tá bem ou mal, se tá doente ou com problema.

Essa sociabilidade abre margem para a configuração de um trabalho estranhado e para a reificação dos trabalhos do setor. Dessa forma, se configura então a objetivação do trabalho como estranhamento, uma vez que o produto configurado através da ação direta do trabalhador se opõe a ele como um ser independente e oposto dele enquanto produtor. Sobre essa reflexão Marx (2008, p.80) destaca que

Este fato nada mais exprime, senão: o objeto (*Gegenstand*) que o trabalho produz, o seu produto, se lhe defronta com um *ser estranho* com um poder independente do produtor. O produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, fez-se coisal (*sachlich*) é a *objetivação* (*Vergegenstandlichkeit*) do seu trabalho. A efetivação (*Verwirklichung*) do trabalho é a sua objetivação. Esta efetivação do trabalho aparece o estado nacional-econômico como *desejetivação* (*Entwirklichung*) do trabalhador, a objetivação como *perda do objeto e a servidão ao objeto*, a apropriação como *estranhamento* (*Entfremdung*), como *alienação* (*Entausserung*).

Assim, o estranhamento do trabalhador significa que o seu trabalho se transforma em um objeto com uma existência independente e exterior de seu produtor, se tornando um ser estranho com um poder autônomo. Dessa forma a vida que o trabalhador deu ao objeto, faz com que ele se torne uma força hostil ao próprio produtor. “A apropriação do objeto tanto aparece como estranhamento (*Entfremdung*) que, quanto mais, objetos o trabalhador produz, tanto menos pode possuir e tanto mais fica sob o domínio do seu produto, o capital. (*Idem*, 2008, p.81)”. Logo aponto um aspecto fundante do estranhamento: *a autonomia agregada ao objeto face o seu produtor*.

O ápice desse domínio/autonomia se materializa quando o trabalhador se mantém enquanto sujeito físico, como um mero produtor de objetos, utilizando todas as suas energias para o processo de objetivação. Esse se caracteriza como a base do problema do estranhamento: o trabalhador é encarado como mercadoria viva para a produção de mercadoria inanimada. “O trabalhador encerra sua vida no objeto; mas agora ela não pertence mais a ele, mas sim ao objeto”. (*Idem*, 2008, p.81) Entre meus sujeitos essa relação é materializada na fala de um dos condutores que atuam no Delta ao analisar sua importância para o desenvolvimento da atividade.

Eu acho até difícil falar sobre essas coisas. Eu sei fazer o serviço, mas não posso lhe responder, porque o próprio turista que me contrata é que pode

dizer qual é a minha importância e se eu sou importante ou não. (José, 2014)

Não existe por parte desse trabalhador o reconhecimento da sua importância para o desenvolvimento do Delta do Parnaíba como produto turístico da região. Ele se percebe como ferramenta, como objeto e deixa a cargo dos consumidores a avaliação da atividade que desenvolve cotidianamente de forma sistemática.

CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como objetivo debater as consequências das experiências dos cursos de qualificação profissional vivenciados pelos integrantes da Associação de Condutores de Ecoturismo de Ilha Grande. Para tanto foi necessário apresentar um breve histórico da atividade turística além de elucidar pontos referentes a política nacional de qualificação de trabalhadores do setor.

Percebemos que a mesma sociabilidade que possibilitou o surgimento e a consolidação do Turismo tem como cerne a transformação da natureza em mercadorias que necessitam da atuação humana nesse processo. Devo salientar que a participação do trabalhador traz em seu bojo sua mortificação e a exploração cada vez mais crescente de sua força de trabalho deixando suas condições de vida cada vez mais precárias.

No turismo essa realidade se manifesta em políticas diversas, a mais recente delas é o PRONATEC COPA que tem como finalidade capacitar mão de obra para atuar em segmentos de hotelaria, bar e restaurante, hospitalidade, gastronomia além de promover cursos de idiomas para complementar o quadro de trabalhadores que atuaram no período da Copa do Mundo do Brasil entre os meses de junho e julho de 2014. Nesse movimento fica evidente como as políticas do estado viabilizam a manutenção de um modelo que beneficia majoritariamente a classe empresarial em detrimento dos trabalhadores.

A oferta dos cursos segue a lógica vigente que oferece uma qualificação mínima ao trabalhador com objetivo de garantir uma formação aligeirada, certificada pelos conhecimentos tácitos disponibilizados aos trabalhadores, em detrimento de uma educação integral, emancipadora que forneça elementos para a construção de sujeitos críticos e conscientes de sua atuação em sociedade.

Seguindo esse contexto, os cursos ofertados aos trabalhadores da ILHAECOTUR apresentam carga horária reduzida e em sua maioria, segundo

os entrevistados são teóricos ou seguem um material didático nacional que não contemplam as problemáticas locais. Características que segundo os mesmos, não agrega tanto para a formação profissional.

Para além dessa constatação, na realidade local os cursos de qualificação profissional também dificultam a organização associativa, uma vez que existe uma disputa por espaço entre os trabalhadores qualificados, pertencentes a associação e os condutores que atuam de forma autônoma que por motivos não entendidos por nossos sujeitos não tem interesse em participar de cursos o que impossibilita a entrada na ILHAECOTUR que incorpora a seus associados trabalhadores que tenham passado por qualificação, mesmo que mínima.

Como resultado dessa desarticulação, vemos que tanto trabalhadores autônomos quanto associados são explorados cotidianamente pelas instâncias capitalistas que tem no Delta do Parnaíba seu principal produto. Os valores pagos pela venda de sua força de trabalho são mínimos, em contrapartida, a carga horária, principalmente nos períodos de alta temporada pode chegar a até 13 horas diárias

Assim, com o presente estudo através da análise da teoria e das entrevistas narrativas, busquei nas falas dos nossos sujeitos, recompor e debater os processos de qualificação profissional vivenciada por eles e os reflexos dessa formação em sua atuação no mercado de trabalho, em especial no Delta do Parnaíba. Esse debate vem a contribuir sobre a temática da educação profissional, uma vez que está aberto a novas pesquisas, debates e interpretações.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CATRAMBY, Teresa Cristina Viveiros e COSTA, Stella Regina Reis. **Qualificação Profissional em Turismo como Fator de Competitividade do Setor**. Caderno Virtual de Turismo ISSN: 1677-6976 Vol. 4, N° 3 (2004) p. 26 a 34.

CORIOLOANO, Luzia Neide M. T. **Turismo com ética**. Fortaleza: UECE, 1998.
FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br>;

_____. **O Capital: crítica da economia política. Livro I**. 31ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

OMT. Organização Mundial do Turismo. Em <http://www.unwto.org>

REJOWSKI, Mirian. **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.



THEVENIN, J. M. R. **O turismo e suas políticas públicas sob a lógica do capital.** Caderno Virtual de Turismo. Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p.122-133, abr. 2011.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

